

A PLAUSIBILIDADE INTERPRETATIVA DE RELAÇÕES RETÓRICAS SOBREPOSTAS NA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Beatriz Nascimento DECAT¹

RESUMO

Na articulação entre orações, além do conteúdo proposicional veiculado explicitamente, há relações implícitas, que são o significado que emerge entre essas porções de texto, sem necessariamente haver marcas linguísticas que as identifiquem. Chamadas por Mann & Thompson (1983, 1988) de "proposições relacionais", emergem da contiguidade entre duas orações, e colaboram na organização textual, conferindo-lhe unidade. Frequentemente, emerge mais de um significado entre as orações, originando mais de uma interpretação da relação que ali se estabelece; é a "sobreposição", apontada por Ford (1986), de relações retóricas funcionando simultaneamente, identificadas por julgamentos de "plausibilidade", que levam em conta o propósito comunicativo, baseando-se em critérios semânticos e pragmáticos. A Teoria da Estrutura Retórica - RST -, desenvolvida por funcionalistas da Costa Oeste Norte-americana, fundamenta este trabalho, proporcionando uma descrição da articulação de orações que leve em conta as relações implícitas entre elas, especialmente quando emerge mais de uma relação. Tal análise poderá ter reflexos no ensino do português: no desenvolvimento da habilidade de combinação oracional segundo os propósitos comunicativos do produtor do texto; na compreensão do texto, em termos das relações que o permeiam. Pretende-se evidenciar a possibilidade: de lidar-se com as relações retóricas sem recorrer-se a paráfrases da relação; e de tratar as relações retóricas no nível gramatical, de modo dissociado da presença de conectores, como mostra Taboada (2009). Finalmente, pretende-se deixar claro, como já mostraram Mann e Thompson (1988), que uma análise não pode ser vista como mais correta que outra, mas que uma análise pode ser plausível.

PALAVRAS-CHAVE: articulação de orações; relações retóricas; sobreposição; plausibilidade; funcionalismo.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Endereço de correspondência: Rua Via Láctea, 94/402, Bairro Santa Lúcia, CEP 30.360-270 Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, bdecat@uol.com.br

Considerando-se que é amplamente reconhecido que algumas partes da comunicação por meio da linguagem verbal são implícitas, este trabalho parte do princípio de que a compreensão de um texto depende, dentre vários outros fatores, do reconhecimento/identificação de relações implícitas, que se estabelecem entre suas partes e que permeiam todo o texto. Um dos objetivos da presente discussão consiste em apontar para a necessidade de um trabalho em sala de aula, no ensino da língua portuguesa, que leve os alunos a refletirem sobre as relações entre as partes do texto, a fim de que percebam que tanto a compreensão quanto a produção de um texto envolvem, entre outros aspectos, um mais profundo reconhecimento dessas relações que permeiam todo o texto e que o organizam. Dito de outra maneira, é preciso levar o aluno a entender que, na articulação entre orações, além do conteúdo proposicional que elas veiculam explicitamente, há relações implícitas, que são o significado que emerge entre duas porções de texto (sejam elas orações ou porções maiores), sem que haja necessariamente qualquer marca formal que as identifique, sejam essas marcas conectivos, tempo e modo verbais ou qualquer outra marca linguística que auxilie na identificação. Chamadas por Mann & Thompson (1983, 1988) de "proposições relacionais", elas emergem da contiguidade entre duas orações/porções textuais (em inglês, *spans*) e colaboram na organização da estrutura textual, conferindo-lhe unidade. Elas são, portanto, por um lado, a informação transmitida pelo texto e, por outro, um fenômeno de combinação, definido nas duas partes de um texto, permitindo perceber a relação entre essas partes, qualquer que seja o seu tamanho. Desse modo é que se pode dizer, conforme os autores acima, que a gramática da articulação de orações reflete a organização do discurso.

A discussão aqui proposta é fundamentada na Teoria da Estrutura Retórica - **RST (*Rhetorical Structure Theory*)**. Desenvolvida por pesquisadores da costa oeste dos Estados Unidos - e tendo como fundadores Sandra Thompson, William Mann e Christian Matthiessen - a RST caracteriza-se como uma teoria descritiva cujo objeto de estudo é a organização do texto em termos das relações que se estabelecem entre suas partes, sejam elas orações ou porções maiores de texto. Tais relações ("proposições relacionais") são descritas com base na intenção comunicativa do produtor do texto e na avaliação que ele faz de seu ouvinte/leitor/receptor, refletindo suas escolhas na organização de seu texto. Também referidas como "relações retóricas", ou "relações de coerência" (cf. Taboada, 2009), essas relações emergem entre uma porção **núcleo** (que realiza os objetivos centrais do falante/escritor) e outra, que é o **satélite** (de caráter

periférico, marginal), que serve de subsídio ao núcleo, conferindo unidade ao texto. Esse é, pois, o tipo de **relação núcleo-satélite**. Uma **relação** é, pois, a "conexão interpretável entre duas partes de um texto" (Ford, 1986). Outro tipo de relação é a **multinuclear**, em que cada porção de texto constitui, por si só, um núcleo. A representação gráfica desses dois tipos é dada através das figuras 1 e 2, a seguir.

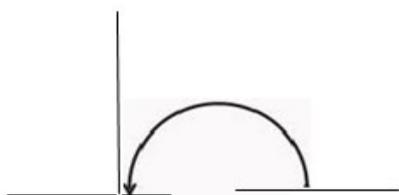


Figura 1 - Esquema de relação núcleo-satélite

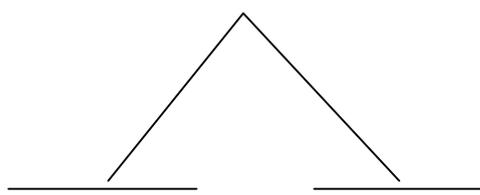


Figura 2 - Esquema de relação multinuclear

A RST contou, inicialmente, com uma lista de aproximadamente 25 relações do tipo **núcleo-satélite**², conforme mostra o Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 - Terminologia das relações retóricas núcleo-satélite

Relações de APRESENTAÇÃO: antítese, fundo, concessão, capacitação, evidência, justificativa, motivação, preparação, reformulação, resumo
Relações de CONTEÚDO: circunstância, condição, elaboração, avaliação, interpretação, meio, causa não volitiva, resultado não volitivo, alternativa (<i>otherwise, anti-conditional</i>), propósito, solução, incondicional, condição inversa (<i>unless</i>), causa volitiva, resultado volitivo

As relações do tipo **multinuclear** são: **conjunção, contraste, disjunção, junção, lista, reformulação multinuclear, sequência**.

Esse número já vem sendo expandido ou rediscutido em análises de vários pesquisadores (cf. Carlson e Marcu, 2001; Taboada, 2009), inclusive brasileiros (cf. Decat, 1993, 2001, 2010, 2014; Antonio, 2004; Campos, 2005; Pardo, 2005; Oliveira, 2010; Correia, 2011; Grijó, 2011; Neto, 2011; Nepomuceno, 2013; Costa, 2014; Ruchkys, 2014; Caixeta, 2015; Meira, 2015). Não se trata, portanto, de uma lista fechada, como já haviam preconizado Mann e Thompson (1988).

Dentre as relações núcleo-satélite estão aquelas já conhecidas como relações adverbiais, como causa, condição, concessão, circunstância, bem como outras,

² Lista inicial com as relações retóricas núcleo-satélite e multinucleares, com suas definições, pode ser encontrada em <http://www.sil.org/linguistics/rst> ; ou <http://www.sfu.ca/rst/01intro/intro.html>

apontadas acima, distribuídas por Mann & Thompson (1988) em **relações de conteúdo** (no plano **ideacional**, sendo, portanto, **informacionais**) e **relações de apresentação** (no plano **interpessoal**, sendo, portanto, **intencionais**). Uma dessas relações não adverbiais é a de **elaboração**, cuja descrição é a que se segue:

Quadro 2 - Descrição da relação de *elaboração*

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo (N)	Restrições sobre o satélite (S)	Restrições sobre a combinação N + S	Intenção do autor
Elaboração	Nenhuma	Nenhuma	O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo	Aumentar a potencial capacidade de L para executar a ação apresentada em N.

Na descrição de uma relação são considerados três aspectos: restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite, individualmente; restrições sobre a combinação núcleo + satélite; e a intenção do produtor do texto. Essa última costuma não ser levada em conta nas análises tradicionais. Entretanto, com base nos pressupostos da RST, as relações que emergem entre orações (num processo de articulação/combinção, e não de encaixamento) podem ser descritas levando-se em conta, por um lado, a intenção comunicativa do produtor do texto e, por outro, a avaliação que esse produtor faz de seu ouvinte/leitor, refletindo, assim, as escolhas organizacionais.

Em textos como os que se seguem,

- (1) "É o amigo (quase) virtual, que não é só aquele que a gente conhece pela internet, não, segundo a pesquisa Playground Digital, do canal pago Nickelodeon." (Cardoso, C. *Virtuais, mas nem tanto*. Folha de São Paulo. São Paulo, 10 nov. 2007. Folhinha, p. 4-5)
- (2) "Você não tem que ganhar todas as vezes. Concorde em discordar." (Regina Brett)

a porção sublinhada, o satélite, elabora a porção anterior (em cada exemplo, ambas as estruturas são orações), no sentido em que ela acrescenta informações, específica, dá detalhes.

Emergência de relação de **justificativa** é o que se pode verificar na Figura 3 a seguir³, com texto de propaganda da Bombril (*apud* Campos, 2005) dado no exemplo (3):

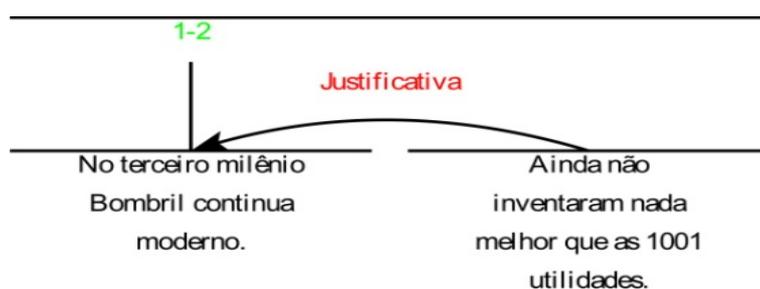


Figura 3 - Relação retórica de *justificativa*

(3) No terceiro milênio Bombril continua moderno. Ainda não inventaram nada melhor que as 1001 utilidades.

Frequentemente, emerge mais de um significado entre as orações, levando a mais de uma interpretação, ou ambiguidade, da relação que se estabelece entre elas; é a **sobreposição**, já apontada por Ford (1986), de relações retóricas que funcionam simultaneamente, sendo sua identificação resolvida por julgamentos de **plausibilidade**, que levam em conta o propósito comunicativo do texto e se baseiam em critérios semânticos e pragmáticos, uma vez que o analista lida com o texto produzido mas não tem acesso a seu produtor e nem mesmo ao interlocutor desse texto. Segundo Ford (1986) "reconhecer uma relação é dizer que é plausível que o produtor do texto tenha tido a intenção de mostrar tal relação, de tal modo que também é plausível que o leitor vá interpretar essa relação", ou melhor, vá também reconhecer essa relação, apontando que ela vai causar algum efeito no leitor. Assim, é preciso, na tarefa de uma análise em sala de aula, levar o aluno a detectar o objetivo do texto, o propósito para o qual foi criado: se com o propósito de informar (tendo, portanto, como objetivo "referir"), ou se

3 Os diagramas representados nas figuras 3, 5, 6, 7, 9 e 10, constantes deste trabalho, foram elaborados com o auxílio da ferramenta automática RSTTool, versão 3.45, de Mick O'Donnel (2000), disponível em <www.wagsoft.com>

para criar um efeito no leitor. Dessa forma é que as relações vão poder ser caracterizadas como semânticas ou pragmáticas, a depender do efeito pretendido no leitor/receptor. É o caso da relação de **elaboração**: ela acrescenta alguma informação, então é uma relação semântica, não sendo necessário, nesse caso, caracterizar o efeito ou a intenção, como pode ser visto pelos exemplos (1) e (2), dados anteriormente. É possível emergir uma relação semântica de **elaboração** tendo outra sobreposta a ela, uma relação de **motivação**, por exemplo, servindo a um propósito. Nesse caso, a relação de **motivação** é pragmática, tendo de ser caracterizada em função do efeito que ela vai produzir no leitor, como se pode ver no exemplo (4) abaixo, dividido, para análise, em unidades informacionais e representado pela Figura 4, em que a relação de **motivação** emerge em consequência da combinação do texto com o contexto:

(4) Eu dormia com:: três quatro travesseiros... sabe? Porque eh eh::
a impressão que eu tinha... era de que:: se eu fosse::... ficar na
posição... horizontal... eu não ia respirar... porque tinha uma
coisa aqui dentro...(NDO4F, 12, 160-165; *apud* Decat, 2001 [1993])

Unidades informacionais:

1. eu dormia com:: três quatro travesseiros... sabe?
2. porque eh:: a impressão que eu tinha... era de que:: eu não ia respirar
3. se eu fosse:: ficar na posição... horizontal
4. porque tinha uma coisa aqui dentro...

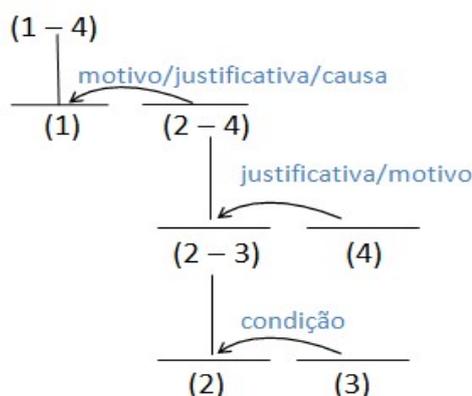


Figura 4 - Estrutura retórica do exemplo (4)

Mesmo uma relação de **elaboração** (assim como uma de **antítese**) pode ser interpretada diferentemente, caso funcione como relação pragmática.

Um outro exemplo de relação pragmática é a de **capacitação**; ela elabora, porque detalha, mas também capacita o leitor a executar a ação expressa no núcleo (ou porção anterior), como faz a informação de "número de telefone" dada no texto do exemplo (5) abaixo, retirado de um folheto publicitário (*apud* Nepomuceno, 2013), aqui apresentado com sua divisão em unidades de informação:

(5) - (texto do folheto publicitário)

1. Gostou?
2. Alugue na Master
3. 3222-3344

No texto dado em (5), entre as porções (1) → (2-3) emerge relação de **causa/ condição**; entre (2) ← (3), a relação é de **capacitação**. Outra análise plausível é a que identifica na porção 1 um problema, dando origem à leitura de que, entre a porção constituída pelas unidades 2 e 3 e a porção 1 emerge uma relação de **solução** (muito comum em estruturas de pergunta-resposta do tipo acima).

Diante da possibilidade de emergência de mais de uma proposição relacional, ou relação retórica, ou relação implícita, entre duas porções textuais (*spans*) - no caso aqui em discussão, entre duas orações que se combinam - o analista se vale de julgamentos de **plausibilidade**, mais do que de 'certeza', na decisão sobre qual relação melhor reflete a intenção comunicativa. Como foi dito acima, lança-se mão de critérios semânticos e pragmáticos. Nesses julgamentos, o analista compartilha das convenções culturais do escritor e dos possíveis leitores de um determinado texto, embora não tenha acesso direto nem ao produtor/escritor nem ao leitor/receptor. Como mostram Mann e Thompson (1988), esses julgamentos são feitos com base no conhecimento direto que o analista tem do texto, mais do que do leitor; e, por isso, são julgamentos da perspectiva do escritor/produtor. O analista procura, então, levantar razões plausíveis sobre a intenção do escritor/falante na produção do texto, tendo em vista o campo de efeito de uma relação. Por exemplo, o reconhecimento de uma relação de **condição** entre as duas orações do texto dado em (6) não depende da presença de um conectivo dado tradicionalmente como condicional (o caso de "se"):

(6) "Lê o passado e ficarás preparado para o futuro." (Meira, 2011:100) (rel. ret. de **condição**)

Da mesma forma, a relação retórica de **elaboração** que emerge entre as porções [A] e [B] do exemplo (7), num movimento [A] ← [B], não é marcada com nenhum tipo de conector:

(7) "A sorte é como um raio [A], nunca se sabe aonde vai cair"[B] (Meira, 2011:106)

Assim, para cada relação "a definição se aplica somente se é plausível para o analista que o escritor quis usar esta porção do texto para alcançar o EFEITO" (Mann & Thompson, 1988:258 - Tradução minha).

Vista sob essa perspectiva, uma análise que se baseie na RST é uma "abordagem funcional do texto como um todo" (Mann & Thompson, 1988:258). Encontra-se aí, portanto, a relevância da RST para o ensino, uma vez que as análises se baseiam mais em estruturas de funções do que de formas, levando em conta as seguintes propriedades (Mann & Thompson, 1988:259-260):

1. as relações não são necessariamente expressas por meio de orações;
2. as relações podem ser veiculadas sem a presença de qualquer marca ou sinal que as identifique. Como já havia apontado Ford (1986), algumas relações emergidas entre porções são de difícil associação a algum sinal linguístico particular (por exemplo, os conectivos). Para ilustrar esse aspecto, e observando os dizeres encontrados numa placa de rua, como no exemplo (8), a seguir

(8) PROIBIDO ESTACIONAR. [A]
SUJEITO A REBOQUE. [B]

- em que não há nenhuma marca de identificação da relação estabelecida entre as duas porções - pode-se interpretar que emerge entre as porções uma relação de **motivação** de B para A, ou uma relação de **consequência** (B é consequência de A). Tem-se, pois, aí, uma sobreposição de relações, interpretadas simultaneamente;

3. as proposições relacionais correspondem às relações da estrutura retórica do texto, de cujas partes emerge uma relação retórica;

4. as proposições relacionais são essenciais para a coerência do texto.

Assim, reconhecer as relações de um texto é essencial para entender o texto (Mann & Thompson, 1988:260). Conforme Mann e Thompson (1988:260-261) apontam, "as proposições relacionais desafiam teorias da linguagem que igualam o efeito de comunicação de um texto com os "sentidos" de suas sentenças e compõem aqueles significados a partir dos significados de suas estruturas sintáticas e itens lexicais". Uma vez que a proposição relacional está ligada diretamente à intenção do autor/produtor, múltiplas análises podem ser devidas a diferenças de juízos de plausibilidade.

Para a decisão quanto a qual relação sobressai, em situações dessa natureza, uma das estratégias é verificar a direção da interpretação, como se pode ver através do exemplo (9), a seguir,

(9) Aquele homem faz altos negócios. [A] Ele está certo de que vai comprar aquele edifício. [B]

em que a relação que emerge entre as porções [A] e [B] pode ser de **evidência** ou de **causa**. A direção da relação muda para cada caso:

a) evidência: [B] é evidência de [A] - Direção da relação = [A] ← [B]

b) causa: [A] é causa de [B] - Direção da relação = [A] → [B]

Conforme essa direção, a relação retórica coloca o falante/produtor mais presente na situação comunicativa. Isso é o que se pode ver também numa relação de **justificativa**, tal como mostrada para o exemplo (4), dado anteriormente, que é centrada no falante. Também interna ao falante é, por exemplo, uma relação de **conclusão**; já uma relação de **resultado**, por ser ideacional, é parte de um grupo de relações voltadas para o conteúdo da porção textual (esse tipo de relação não leva em conta nem autor nem leitor). Observe-se o exemplo (10):

(10) Me responde de novo [A] e eu te arrevento os dentes![B]

Nele, são plausíveis duas análises. Numa primeira, entre as porções [A] e [B], ambas orações, emerge uma relação de **resultado**, em que [B] é resultado de [A]. Uma segunda análise interpreta [A] como uma **condição** para [B]. Também de **resultado** ou

condição pode ser interpretada a relação que emerge entre as porções [A] e [B] do exemplo (11), abaixo, cujo texto foi retirado do anúncio publicitário de uso do sal grosso, apresentado após o exemplo:

(11) Use sal grosso:[A] as outras carnes vão ficar com inveja [B]



Anúncio publicitário 1: Bachir Carnes Especiais

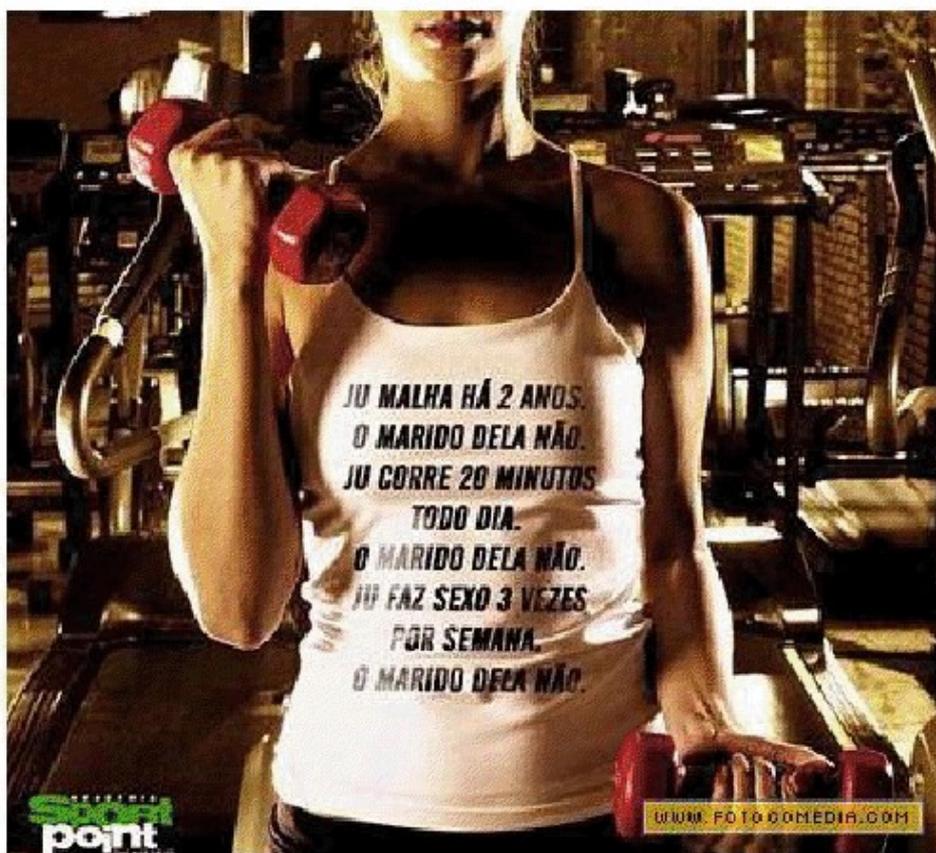
Pode-se ter, primeiramente, uma leitura segundo a qual a realização da situação apresentada no Núcleo (2ª oração, porção B) depende da realização da situação apresentada no Satélite (1ª oração, porção A). Nesse caso, o satélite [B] apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada, relativamente ao contexto situacional do satélite; e o leitor reconhece de que forma a realização do Núcleo (a porção A) depende da realização do satélite [B]. Já uma segunda leitura mostraria a emergência da relação de **resultado**, tendo em vista que o Satélite (2ª oração, porção B) não representa uma ação voluntária; o Núcleo (1ª oração, porção A) causa a situação dada no Satélite (porção B), e isso é reconhecido pelo leitor.

Assim, ao lidar com relações ambíguas, o essencial numa análise de cunho funcionalista é que se justifique qual relação é mais "apropriada", ou **plausível**. Dessa forma, pode-se levar o aluno a detectar a diferença entre uma causa e uma justificativa, principalmente em estruturas com a presença do conector "porque". Numa análise baseada na RST não importa, por exemplo, se se trata de uma oração coordenada ou de uma subordinada (como várias análises costumam estabelecer, para a diferenciação entre justificativa e causa, respectivamente); importa saber, como foi mostrado na análise do exemplo (4), dado anteriormente, que na relação entre uma oração e outra há um **núcleo** e um **satélite**, entre os quais se estabelece uma causalidade voltada para o

conteúdo (relação de **causa**), ou orientada para a comunicação (relação de **justificativa**).

Enfim, na atividade de ensino da língua, deve-se levar o aluno a entender que a relação semântica diz respeito ao assunto, e a relação pragmática explicita o propósito de aumentar o sucesso de um objetivo do texto, um efeito sobre o leitor. Em outras palavras, as relações pragmáticas sempre se relacionam ao propósito comunicativo.

Vejam os mais alguns exemplos de sobreposição de relações, desta vez no nível macro da organização textual. Observe-se o texto dado em (12), já dividido em unidades de informação, numeradas de 1 a 6, tirado do seguinte anúncio publicitário de uma academia de ginástica:



Anúncio publicitário 2: Sport point

- (12) 1. JU MALHA HÁ 2 ANOS.
2. O MARIDO DELA NÃO.
3. JU CORRE 20 MINUTOS TODO DIA.
4. O MARIDO DELA NÃO.
5. JU FAZ SEXO 3 VEZES POR SEMANA.
6. O MARIDO DELA NÃO.

Numa leitura considerada "ingênua", tem-se a seguinte estrutura das relações retóricas emergentes entre as diversas porções do texto:

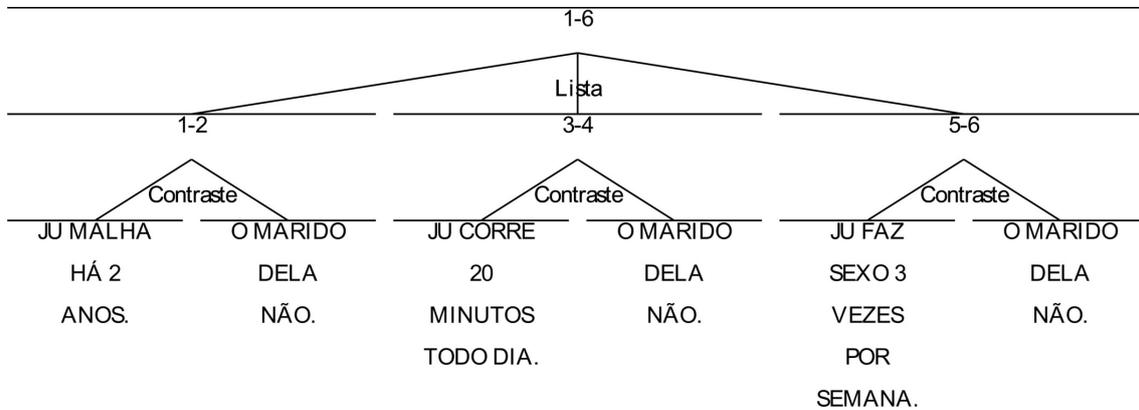


Figura 5 - Primeira leitura do Anúncio publicitário 2

Uma primeira divisão do texto apresenta três porções (1-2, 3-4 e 5-6) que estão numa relação de **lista** entre si. Isso significa que as três porções são consideradas de mesmo valor retórico em relação ao texto como um todo. Em um nível mais baixo da estrutura retórica, cada conjunto é constituído de duas porções, relacionadas entre si por **contraste**, que é, na RST, uma relação multinuclear, assim como a de **lista**. Por outro lado, é possível construir um outro sentido para o texto de anúncio, tal como mostrado pelo diagrama na Figura 6 abaixo:

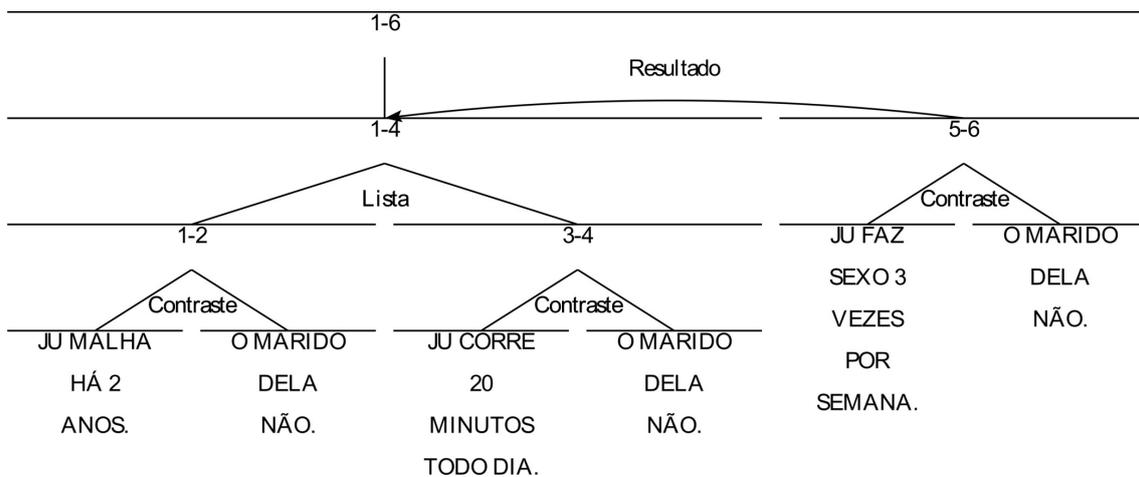


Figura 6 - Segunda leitura do Anúncio publicitário 2

Nessa segunda leitura, leva-se em conta a intenção do produtor do texto, assim como aspectos culturais relativos à atividade sexual fora do casamento. Tais informações vão levar a reconhecer-se a emergência da relação retórica de **resultado**, detectada entre o terceiro conjunto (5-6) de relações de **contraste**, por um lado, e os outros dois conjuntos (1-2 e 3-4), que formam, entre si, uma **lista** num nível diferente da estrutura.

Observe-se, agora, as duas figuras a seguir, relativas à estrutura retórica de um texto intitulado "Cuidados com a pia".⁴ Entre o corpo do texto, constituído das porções 2-6, e o título emerge a relação retórica de **elaboração**, que vai especificar quais são os cuidados que se aconselha ter com a pia de uma cozinha. Pelos diagramas exibidos nas figuras 7 e 8 evidencia-se a plausibilidade das duas análises atribuídas ao texto.

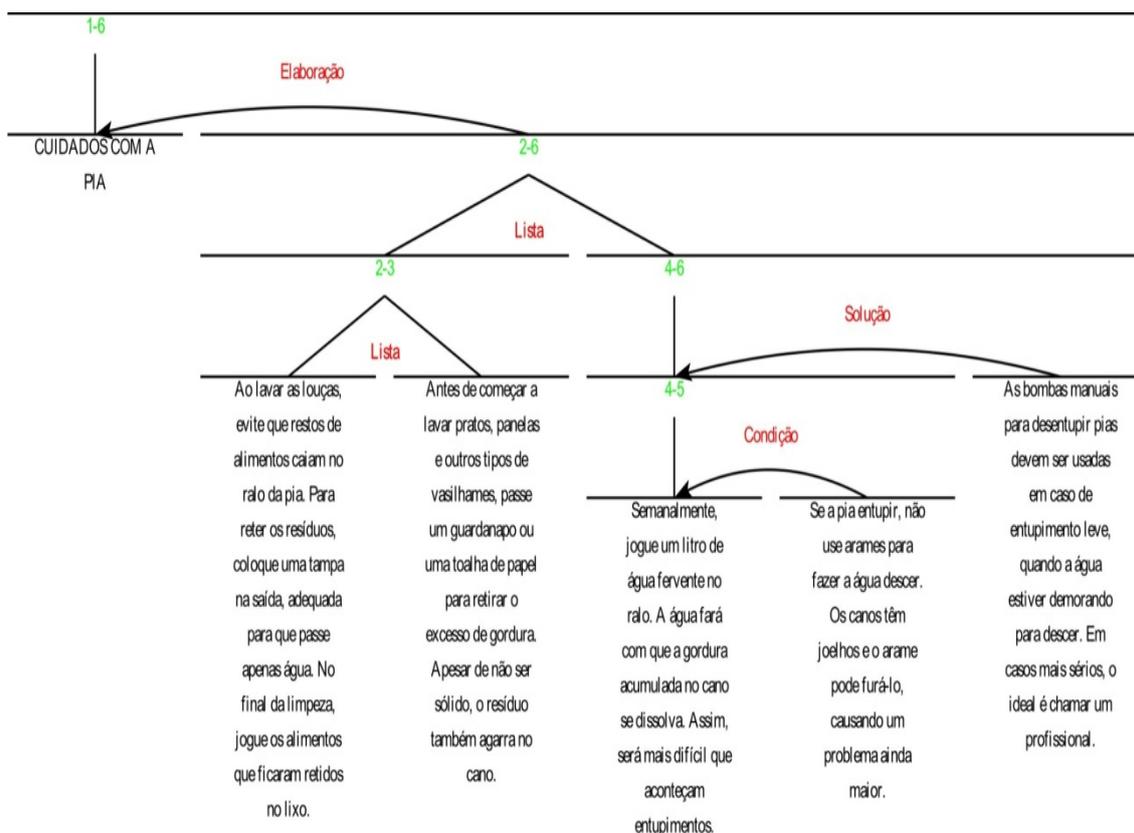


Figura 7 - Primeira análise do texto "Cuidados com a pia"

4 O texto em sua formatação original pode ser encontrado em <http://www.em.com.br>

Elaboração

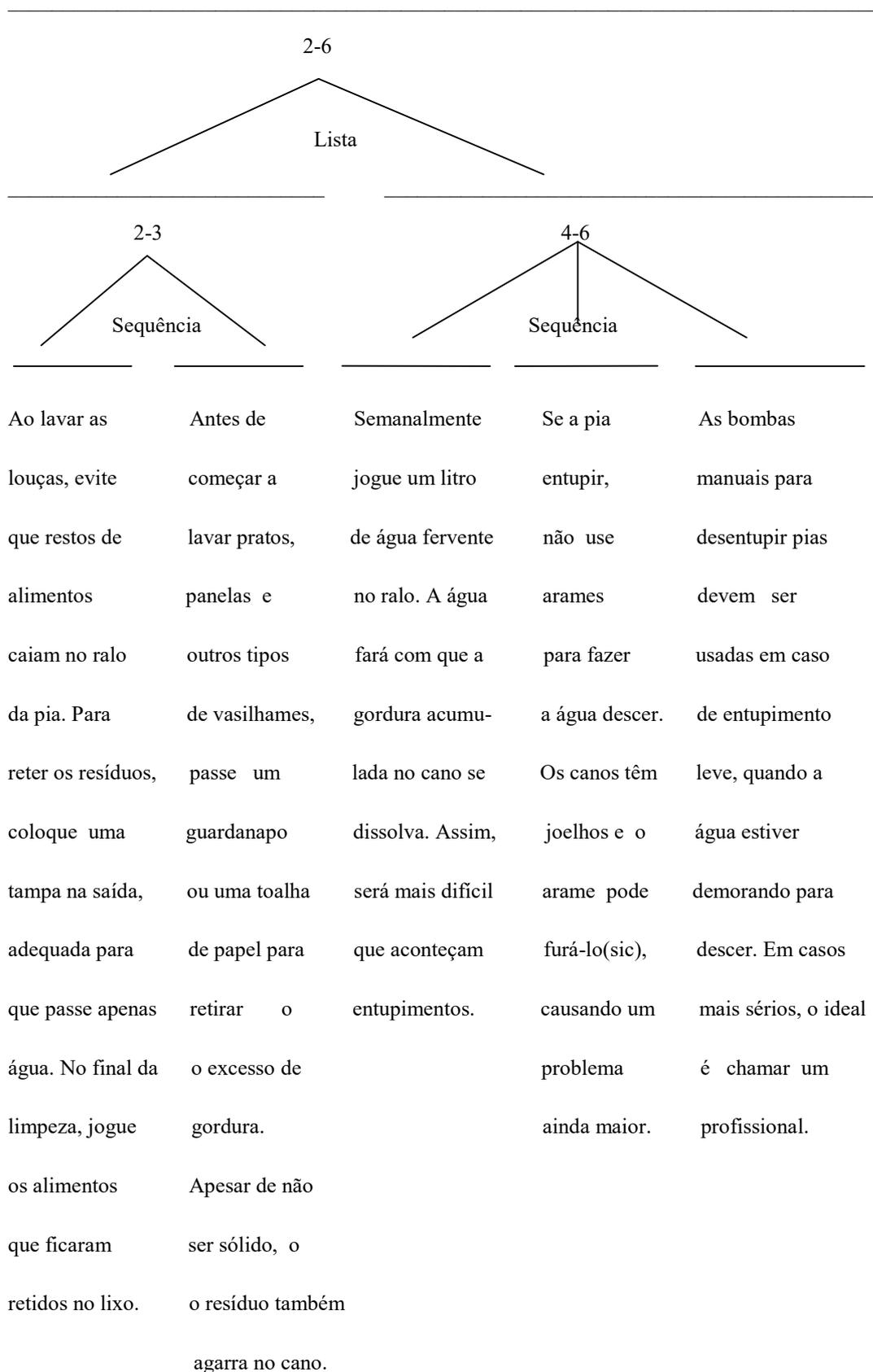


Figura 8 - Segunda análise do texto "Cuidados com a pia"

Primeiramente, é preciso esclarecer que a Figura 8 representa apenas uma parte da estrutura retórica do texto, a que está numa relação de **elaboração** com o título "Cuidados com a pia". É nessa parte que se encontra a diferença entre as duas análises. Na segunda delas, que reflete uma leitura mais simples, as cinco porções em que o texto foi dividido agrupam-se em dois blocos textuais: um com duas porções e outro com três. As porções textuais no interior de cada um dos dois blocos estão em relação de **sequência**, exibindo, assim, a multinuclearidade desse tipo de relação. Por sua vez, os dois blocos estão numa relação de **lista**, também multinuclear, o que evidencia a função igual exercida pelos dois blocos na elaboração do que é veiculado no título. Já na primeira análise, de leitura um pouco mais elaborada, as três porções que constituem o segundo bloco na relação de **lista** exibem a emergência de outras duas relações retóricas: a de **condição**, entre as duas primeiras porções; e a de **solução**, que relaciona a terceira porção como um satélite do conjunto formado pelas duas porções anteriores. Outra diferença está na consideração de que a relação que emerge entre as duas porções do primeiro bloco é a de **lista**, não se reconhecendo, nesse caso, uma sequenciação dos fatos relatados em cada uma das porções, como mostrado na Figura 7. Análises desse tipo evidenciam a plausibilidade da múltipla interpretação que se atribui a um texto, o que precisa de ser mais explorado em sala de aula, não só no trabalho de compreensão do texto como também de sua produção.

A possibilidade do surgimento de diferentes relações retóricas é também a que mostra a análise desenvolvida por Meira (2015), exemplificada aqui nas figuras a seguir, relativas à estrutura retórica da sequência textual "Pai rico, filho nobre, neto pobre", inserida em textos da internet examinados pela autora. Meira procurou mostrar a diferença de leitura entre as relações de **antítese** e de **concessão**, entre outras relações de possível emergência entre as partes dessa sequência textual.

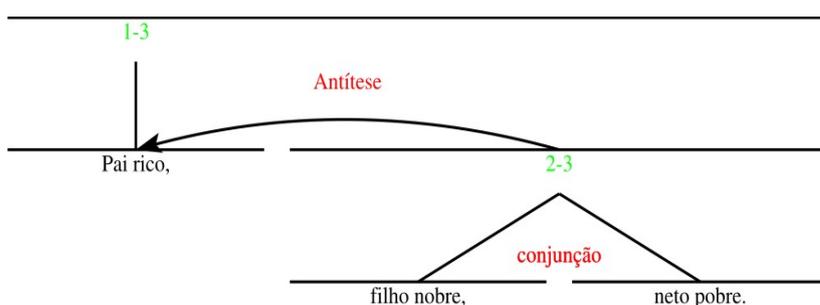


Figura 9 - Relação de antítese

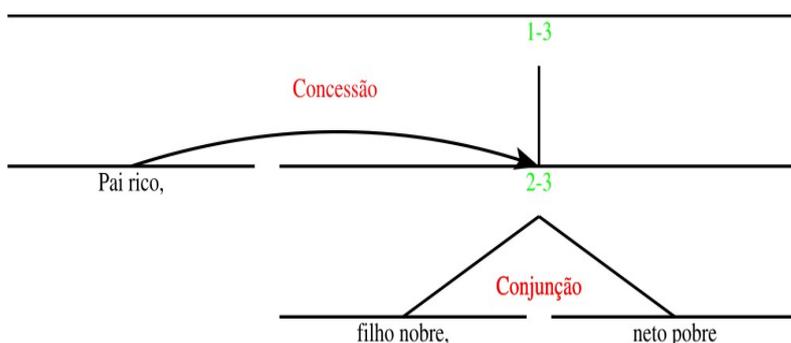


Figura 10 - Relação de concessão

Procurou-se mostrar, nesta discussão, como uma análise que leve em conta as relações implícitas entre as partes de um texto, em especial entre duas orações, admitindo a possibilidade de emergência de mais de uma relação, poderá ter reflexos no ensino do português, seja no desenvolvimento da habilidade de combinação de orações para se atingir os propósitos comunicativos do produtor do texto, seja na compreensão do texto, em termos das relações que o permeiam. Pretendeu-se mostrar que é possível lidar com as relações retóricas diretamente, sem se recorrer a expressões linguísticas correspondentes que serviriam de paráfrases da relação; e que é possível, em sala de aula, tratar as relações retóricas no nível gramatical, de modo dissociado da presença de conectores, como mostra Taboada (2009). Finalmente, pretendeu-se reiterar a posição defendida inicialmente por Mann e Thompson (1988), seguidos por outros estudiosos da RST, de que uma análise não pode ser vista como mais correta que outra, mas uma análise pode ser plausível.

Não se quer dizer aqui que definir uma relação ou identificá-la no texto - em especial, na contiguidade de duas orações - seja uma tarefa fácil. Tampouco se pretende defender a ideia de que só a RST pode resolver os problemas advindos da sobreposição de relações, nem mesmo que ela é a única teoria que explica a relação entre orações ou porções textuais de outra natureza. Trata-se, ao contrário, de mostrar que, por trabalhar com critérios de plausibilidade, a RST permite ao professor um trabalho que leve o aluno, como receptor em situação real de uso da língua, a construir os sentidos do texto, num trabalho de parceria com o produtor do texto. Isso se aplica também à situação em que o aluno é o próprio produtor. A consideração da plausibilidade nessa tarefa de ensino permitirá que não se veja mais o texto somente como um produto, mas como um processo, em que os traços de correspondência entre as relações sejam melhor identificados.

Assim, é possível aplicar-se atividades de reconhecimento de relações nucleares e periféricas, na microestrutura, nos processos de compreensão e produção textual; é possível identificar as proposições relacionais, implícitas, em termos do tipo de informação que elas veiculam para a compreensão do texto, ou do resultado obtido na organização/junção das partes do texto; é possível reconhecer o tipo de conector, ou marcador discursivo, que mais adequadamente assinala uma determinada relação retórica. Uma contribuição a mais da RST é a de permitir que o aluno possa reconhecer, com mais facilidade, o papel dos conectores, quando esses se materializam na articulação de orações, levando-os a perceber a função e o papel desses elementos como sinalizadores da relação retórica implícita, ou da "proposição relacional".

Visto dessa maneira, o tratamento das relações retóricas no nível gramatical, ou seja, o da articulação de orações em sala de aula deixa de estar associado à presença de conectores e passa a privilegiar as relações mantidas entre as orações. Considera-se, portanto, que um trabalho dessa natureza com a gramática na escola pode conduzir o aluno a uma reflexão sobre as relações que se estabelecem não somente no nível micro da combinação entre orações como também no nível macro da organização do texto.

A RST mostra-se, assim, uma teoria que conduz para a 'eficiência'/adequação de uma análise voltada mais para as funções e relações do que para classificações baseadas nas formas; e, o mais importante, que conduz a um melhor entendimento, por parte do aluno, da estrutura organizacional de um texto, seja em sua produção, seja em sua compreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antonio, Juliano D. 2004. *Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português*. Tese (Doutorado). Araraquara: FCL/Universidade Estadual Paulista.

Bachir Carnes Especiais. <http://www.bachircarnesespeciais.com.br>

Caixeta, Geovane F. 2015 "*Que bom, que bom, ai, que bom!*" *Da existência da relação retórica de interjeição*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Campos, Rosane C.S. 2005. "*A propaganda é a alma do negócio*": *uma proposta de análise funcional-discursiva do anúncio publicitário*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Carlson, Lynn; Marcu, Daniel. 2001. *Discourse tagging reference manual*. ISI Technical Report ISI-TR-545. Disponível em <nfs/isd/marcu/tagging-ref-manual12.mif>

Correia, Maria Risolina F.R. 2011. *Estrutura retórica do texto e a articulação de orações no artigo de opinião: uma abordagem funcionalista*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Costa, Rafaela D. 2014. *A organização das construções de 'por exemplo' em português: uma abordagem à luz da teoria da estrutura retórica*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Decat, Maria Beatriz N. 1993. *"Leite com manga, morre!": da hipotaxe adverbial no português em uso*. Tese (Doutorado). São Paulo: LAEL/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Decat, Maria Beatriz N. 2001. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: Decat *et al.* *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, p. 103-166.

Decat, Maria Beatriz N. 2010. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: Marinho, J.H.C.; Saraiva, M.E.F. (orgs.) *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.231-262.

Decat, Maria Beatriz N. 2014. *A Teoria da Estrutura Retórica: fundamentos e contribuições*. Conferência. II SEDiAr, 5 a 7 nov. 2014. Belo Horizonte: Faculdade de Letras /Universidade Federal de Minas Gerais.

Ford, Cecilia E. 1986. Overlapping relations in text structure. In: Delancey, S.; Tomlin, R.S. (Eds.) *Proceedings of the Second Annual Meeting of the Pacific Linguistics Conference*. Department of Linguistics, University of Oregon, p. 107-123.

Grijó, Carmen S.B. 2011. *O domínio dos gêneros textuais através do processo de retextualização*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Mann, William C.; Thompson, Sandra A. 1983. *Relational propositions in discourse*. ISI/RR-83-115.

Mann, William C.; Thompson, Sandra A. 1988. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text* (8): 243-281.

Mann, William C.; Thompson, Sandra A. 2000. Toward a theory of reading between the lines: an explorations in discourse structure and implicit communication. 7th **IPrA** International Pragmatics Conference. **SIL** International and University of California at Santa Barbara, julho de 2000.

Meira, Ana Clara G.A. de. 2015. *CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU: uma análise das relações retóricas a partir do uso dos provérbios como estratégia*

argumentativa em textos da internet. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Nepomuceno, Arlete R. 2013. *Uma abordagem funcionalista das relações retóricas em anúncios publicitários*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Neto, Elizane Pereira. 2011. *Um novo olhar sobre o uso da forma lexical "Aqui", no gênero textual bate-papo por computador, à luz da Teoria da Estrutura Retórica*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Oliveira, Maria Carmen de. 2010. *A retextualização de texto do gênero infográfico: uma análise da estrutura retórica*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Pardo, Tiago A.S. *Métodos para análise discursiva automática*. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos:SP.

Ruchkys, Angélica A. 2014. *As relações retóricas e a articulação de dispositivos e de orações no Capítulo I da Constituição Brasileira de 1988*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Sport point. <http://www.fotocomedia.com>

Taboada, Maite. 2009. Implicit and explicit coherence relations. In: Renkema, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, p. 127-140.

